

UMA HISTÓRIA NUNCA CONTADA aceitando **com entusiasmo de trabalhar na missão, não sabia que os maiores problemas teriam vindo da congregação que me enviava e da Igreja oficial**

1. A MEMORIA DOS FATOS APÓS 45 ANOS

Os fatos que vou contar aconteceram no ano 1967, a partir dos primeiros dias de fevereiro e, precisamente, a um ano de distância do meu desembarque no país e do ingresso na prelazia ou missão de Abaeté do Tocantins (03.02.1966). Mas, porque esperei tanto a meter no papel coisas que teriam marcado talvez para sempre a minha maneira de pensar e agir? Principalmente por dois motivos: primeiro, porque se pensa que, para meter por escrito aventuras desagradáveis, terá mais tempo na velhice do que na juventude. Segundo, porque somente na minha velhice avançada, isto é na primeira década dos anos 2000 (na hora de completar 75 anos) vim conhecer um dado determinante da história que, finalmente, gostaria contar. Um dado determinante que, estourando na minha frente como um raio, me ofereceu a chave principal dos fatos em questão.

Tal chave me foi entregue pelo padre Luiz Pinto da diocese de Santarém, um grande amigo com o qual tinha trabalhado no ensino e na formação do clero nativo a partir de 1972. Pelo fato de ter sido por varias vezes secretario dos bispos do Regional Norte 2 (= Pará e Amapá), entre 1974 e 2004, o padre Luiz Pinto tinha condição de comunicar-me a seguinte informação: "Antes de eu voltar definitivamente para Santarém, saiba, querido Savino, que você foi por muitos anos candidato a dirigir uma diocese da nossa região, do 1967 até aos nossos dias...". Respondi que sabia alguma coisa mas que não tinha consciência de que tal candidatura durasse ininterruptamente até o candidato superar os setenta anos. Mas não disse ao pe. Luiz Pinto que aquela informação era para mim preciosa e extraordinária, especialmente porque dizia respeito ao 1967, e lançava uma luz inquestionável sobre as penosas aventuras que naquele ano tinha tido que aguentar e que agora gostaria expor pelo menos resumidamente.

Antes de começar, porém, a triste história, sinto a obrigação de informar que quase todas as pessoas que citarei não estão mais neste mundo e nenhuma delas poderá indicar as eventuais contradições em que irei cair (1) Entretanto asseguro a

todos os eventuais leitores que me esforçarei de ser frio e objetivo, apesar de ter passado por sofrimentos indizíveis e inimagináveis, se se pensa que caíram por cima de mim como membro de uma congregação religiosa que se considera "família" e que se diz movida pela caridade de Cristo (2) ("Charitas Christi urget nos" é o lema do fundador Conforti e dos xaverianos). Tenho contudo algumas testemunhas que escreveram algo a meu total favor, embora uma delas com uma relativa e justificável reserva (3). Se leiam as cartas que apresentarei no final desta espinhosa crônica.

OS ANTEFATOS

A partir de junho 1966, quatro meses após o meu ingresso na prelazia ou missão de Abaeté, oficialmente eu era secretário do bispo-prelado Mons. Gianni Gazza mas, tendo quase nada a executar a serviço dele, se não a tarefa inocente de bater algumas pouquíssimas cartas (4), eu gozava de outros dois lugares de trabalho: um de quinze dias mensais na paróquia de Bujaru e um de outros quinze dias mensais na Igreja das Mercês em Belém, estação de passagem e fornecimentos vários para todos os xaverianos da Amazônia. Na paróquia de Bujaru, desde alguns anos dirigida pelo amigo e coevo padre Basilio Bosio, ex colega de seminário na diocese de Brescia durante o período 1942/46 (5), eu me dedicava às desobrigas nas comunidades do interior (6) Na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, em Belém, eu ajudava nos serviços pastorais que cabiam ao padre Francisco Villa, já missionário no Bangladesh e também caríssimo amigo na casa xaveriana de Piacenza durante o período 1952/54 (7).

Os dois padres viviam isolados e sozinhos e era uma festa e uma força reencontrá-los a cada quinze dias de distância. Com ambos se falava e se discutia com a maior clareza e se gozava um pouco daquilo que nos parecia mais errado ou superado. Quando conversando com cada um deles me achava em posição de fragilidade e não sabia como saltar o fosso, recorria a um provérbio bresciano de fulminante intuição: "*I superiori hanno sempre ragione, specialmente quando hanno torto*". Andando assim as coisas, sem total tristeza nem total alegria, num belo dia de novembro 66 estava retornando para Bujaru, após a desobriga na comunidade de S. Sebastião do Rio Guajará, quando ainda no caminho me alcançou um telegrama de padre Villa que dizia: "Savino deve ir a Santarém o mais cedo possível. Volte imediatamente para Belém".

Em Belém padre Villa me explicou que a ordem tinha vindo do arcebispado e eu, como secretário de dom Gianni Gazza, já nomeado e instalado superior geral da congregação, devia representa-lo na primeira reunião geral de todos os bispos da Amazônia. Em Santarém foi acolhido com festa e comovente simpatia. Havia

uns catorze bispos e vários padres acompanhantes deles, sendo que os representantes dos outros estados da Amazônia eram somente dois ou três. Um destes era o salesiano dom Antonio Sarto, originário da aldeia nativa do papa Giuseppe Sarto (S. Pio X). Entre todos, os que mais se distinguiam eram dom Alberto Gaudêncio Ramos, arcebispo de Belém e presidente da reunião, o italiano dom José Maritano prelado de Macapá e o americano dom Tiago Ryan prelado de Santarém que, por si mesmo, era como um rio de alegria e simpatia que andava engrossando a cada dia que passava. Eu porém me achava mais a vontade com os padres, especialmente com tres deles: o padre Ápio Campos de Belém (8), o padre Miguel Giambelli barnabita bresciano que, operante em Bragança, me chamava de jornalista e o excelente frade dominicano que conduzia toda a exposição e discussão: o padre Romeu Dale. Este padre era um encanto seja pelas coisas que dizia seja pelo modo de dizê-las.

Tínhamos como tema básico: **As novidades do Concílio Ecumênico Vaticano II**, ao fim de serem aplicadas às Igrejas da Amazônia. Nada de mais desejável e de mais empolgante tínhamos ouvido na vida. O problema era só se converter e começar uma nova maneira de sermos padres e de sermos igreja. Da minha parte não me contentei de escutar e exultar. Intevi na discussão umas cinco vezes, tendo sido sempre bem acolhido e, as vezes, aclamado. Fiz algumas observações sobre a pastoral que se praticava na prelazia de Abaeté e sobre a necessidade de implantar na Amazônia um instituto de preparação teológica e pastoral para padres e leigos que teriam vindo trabalhar na Amazônia.

O que tinha revelado a respeito da pastoral que se praticava na prelazia de Abaeté tocava também a maneira de conduzir a prelazia como um todo, observando que o governo de dom Gianni Gazza aparecia um pouco fechado e tendencialmente segredo, embora o trato dele fosse terno e carinhoso ao ponto de se preocupar com a nossa saúde e a nossa alimentação. Em suma, nós éramos respeitados e apreciados mas parecíamos mais crianças ou adolescentes do que pessoas adultas e responsáveis. A congregação toda nos tratava daquela forma, pois estava chegando um novo superior eclesiástico, o prelado padre Pio Monchelato, e este tinha sido designado pelo Núncio Apostólico no Brasil sob indicação da Direção Geral dos xaverianos sem que nos fosse pedido um qualquer parecer.

Voltando para Belém com um avião da FAB (Força Aérea Brasileira) sofremos a ira de Deus, pois o avião dançava entre as nuvens e a chuva nos investia por todo lado mesmo ficando reparados no bojo daquele aparelho jurássico e originário da era dos dinossauros. Mas a alegria devia durar ainda um pouco, isto é durante os sessenta dias que teriam ocorrido entre o começo de

dezembro 66 e o fim de janeiro 67. Quero dizer que a alegria devia cobrir ao completo o meu primeiro ano de vida missionaria na Amazônia. Mas por um ano só, pois era destinado a provar, logo depois, as penas do inferno, embora sem poder ver as chamas de tal abismo.

UM ALEGRE MAS BREVE INTERVALO

Logo em dezembro tive a oportunidade de contar a historia do encontro de Santarém, e dos pareceres que aí tinha depositado, seja em Bujaru seja na casa das Mercês, devendo ser escutado e cumprimentado não somente pelos amigos do coração os padres Basilio Bosio e Francisco Villa, mas também pelo recém-nomeado e recém-chegado prelado de Abaeté, o padre Pio Monchelato já missionário na China e no Paraná, ao sul do país. Padre Pio Monchelato era alguém que eu considerava amigo, pois o tinha encontrado e conhecido desde o período (1950/52) em que, ainda seminarista, me achava na Casa Madre como assistente dos aspirantes à vida de irmãos missionários leigos e ele chegava da China como missionário maltratado, maldito e expulso do país pelo presidente comunista Mao-tze-tung. Diria que padre Pio me escutava mais que os outros xaverianos e se professava disposto a me manter na prelazia ou missão para sempre. Em suma, nunca teria esperado dele um qualquer tipo de desaforo ou uma qualquer forma de inimizade ou vingança.

Em janeiro pois, nas proximidades da festa da Epifania, tive a possibilidade de contar e frisar os mesmos gostosos pormenores santarenos com os colegas que trabalhavam em Abaeté: o vigário padre Vincenzo Mitidieri, companheiro dos estudos teológicos em Piacenza, e os seus ajudantes: o idoso padre Mario Lanciotti, vindo das missões da China e do Japão, e os mais jovens padres da prelazia: Valeriano Ruaro e Siro Brunello (9).

Também lá ganhei sucesso e risadas sem fim, visto que a minha maneira de contar um tanto irônica suscitava simpatia e hilaridade sem que se pudessem prever consequências negativas. Mas já estava pairando no ar algo de ruim e imprevisto.

Padre Pio Monchelato, já eleito prelado e natural candidato a ser o segundo bispo de Abaeté, sentia que a sua possível elevação e promoção andava ficando incerta e precisava entrar em guerra contra alguém que teria podido derrubá-lo e/ou substituí-lo. Quem podia e devia ser o seu natural adversário? Sem dúvida nenhuma, um tal que tinha chegado na prelazia somente um ano antes e tinha sido indicado pelos bispos do Regional Norte II: o Savino, pois é isso que, há poucos anos, vim saber na hora de padre Luiz Pinto voltar para Santarém e me informar da

seguinte maneira: " Savino, saiba que você foi candidato a uma diocese da região desde 1967 ..."

A PULGA NA ORELHA DE PADRE PIO

Padre Pio Monchelato sentiu o primeiro zumbir da pulga na orelha no quarto domingo de Advento ou seja na hora em que vinha sendo empossado no cargo de prelado de Abaeté pelo Arcebispo de Belém dom Alberto Gaudêncio Ramos. Na catedral de Abaeté, o arcebispo paraense tinha começado o seu discurso citando uma pergunta dos discípulos de João à Jesus: "*Es tu aquele que deve vir ou devemos esperar um outro?*" (10). Aquela pergunta era surpreendente e bonita e, enquanto a mim parecia uma linda e oratória conveniência, devia ser algo de muito intrigante para quem tivesse orelha fina.

Com aquela frase do Evangelho, o Arcebispo estava informando padre Pio que ele era um prelado provisório ao mesmo tempo em que o bispo propriamente dito podia ser um outro. Percebeu isso o maior interessado e frágil padre Pio? É muito provável, mas era sua obrigação fingir de nada e considerar-se o escolhido por Deus, pois tinha sido indicado pelos superiores da congregação xaveriana. O fato é que, logo após a celebração do Natal, Padre Pio voltou para Belém e, exceto algumas brevíssimas idas e voltas, ficava normalmente em Belém, como se a Igreja das Mercês fosse a sua sede prelatícia.

Passava janeiro e estava passando fevereiro quando eu tive a coragem de lhe perguntar porque não estava morando na sua prelazia e não estava exigindo lá as homenagens de direito –vestuário vermelho, vela sustentada pelo coroinha e outras bugigangas que deviam aparecer pelo menos ridículas- visto que não possuía algum poder canônico em relação a Belém e, portanto, não podia gozar dos decorrentes privilégios decorativos. Era a gota que ia fazer transbordar o vaso.

Padre Pio considerou a minha pergunta como uma afronta e, alguns dias depois, me chamou, para me comunicar que eu não era mais um padre da sua prelazia e não podia mais voltar para lá. Lhe perguntei então porque tinha tomado uma decisão tão severa e irreversível, visto que não era sua competência decidir da minha sorte nem na prelazia nem pelo Brasil a fora (11). Me respondeu que a minha culpa principal consistia em ter ido abusivamente ao encontro de Santarém para ter a oportunidade seja de criticar a prelazia e o nosso querido superior geral dom Gianni Gazza, seja para obter ou arrancar uma promoção.

A acusação era falsíssima e inconsistente ao ponto de tornar ilegítima e absurda a odiosa punição que jogava por cima de mim. Na Igreja ninguém pode ser punido por culpas não provadas e, quando as culpas são graves e provadas, o

réprobo pode ser punido somente no caso em que tenha perseverado na conduta perversa e tenha recusado duas sucessivas admoestações. Além de ser precipitado e furioso, padre Pio provava de não conhecer os princípios elementares da moral cristã e do direito canônico. Mas um homem assim podia ser indicado como prelado ou como bispo? Os superiores da direção Geral e o núncio apostólico no Brasil -dom Sebastião Baggio- sabiam de ter nomeado uma pessoa incapaz e um tanto ignorante se não obtusa?

TENTATIVAS DE INTERPRETAÇÃO

Para mim aquela punição era a coisa pior que me podia acontecer na vida de religioso missionário. Era como me dizer que eu e os meus formadores tínhamos errado tudo durante vinte e cinco anos de preparação (1942/67) e que já estava chegando para mim o fim de cada razão de ser missionário. Era como me dizer que tinha enganado meus pais e meus irmãos, visto que tinham feito de tudo para me impedir de ser missionário, para me impedir de ser devorado pelos leões da África. Eu passava noites inteiras me perguntando: o que diriam os meus pais se soubessem que quem me está devorando não são os leões mas os superiores chamados a organizar a missão?

O missionário espera o dia da partida para a missão como o começo de uma nova vida ou da verdadeira vida. Após a ordenação sacerdotal (1955), quase todos os meus colegas de estudo -mais ou menos uns quinze- tinham recebido a ordem mais bela que se podia receber neste mundo: partir para a missão de além mar. Eu podia ser o último deles e, bem por isso, aquela ordem para mim tinha mais valor que em todos os outros casos, porque a tinha esperado mais do que todos eles. Vale mais o que mais se espera. Não, aquela expulsão não somente era priva de fundamento algum e profundamente injusta, ela era insensata, dilacerante e, em certo modo, assassina, e não podia aceitá-la. Não podia pensar que era vontade de Deus, pelo simples fato de ser devida provavelmente a uma maldade fria e calculadora, enquanto Deus não devia ser nem frio nem calculador.

Muito mais tarde, quer dizer alguns anos depois, cheguei a ouvir o seguinte: na prelazia de Abaeté ninguém queria padre Pio como superior eclesiástico, pois aparecia de escassa capacidade e tinha sido imposto. Por causa disso, alguns quiseram derrubá-lo mas sem se comprometer ou, como se diz no Brasil, sem se queimar. Como foi possível um plano tão cruel e tão perfeito ao mesmo tempo? Foi possível por dois motivos: Savino não sabia de ter sido indicado como bispo e, tendo cabeça de áries (12), teria resistido com a maior força até o ponto de desmascarar o vacilante padre Pio, sem dever arriscar seu futuro. Nesta versão tinha com certeza alguma verdade que eu vou completar da seguinte maneira:

Padre Pio com certeza era contra a indicação que eu tinha recebido dos bispos da Amazônia, mas não era o único a ser contra. Ele era apoiado por vários outros. Quais? Aqueles que não queriam nem padre Pio nem padre Savino e sabiam que, metendo um contra o outro, teriam eliminado ambos, deixando para si a possibilidade de uma agoniada e invejável promoção.

Mas tem uma outra pergunta a colocar: porque padre Pio, para salvar a sua candidatura, tinha recorrido ao instrumento odioso e perigoso da expulsão? Como resposta penso o seguinte: a expulsão deixava supor uma conduta gravemente errada a meu cargo e me tornava imprestável para qualquer promoção, deixando ao concorrente padre Pio a porta aberta para qualquer sucesso possível. Mas também este cálculo era facilmente inquinável, pois exigia conhecimentos jurídicos e teológicos (= de teologia moral) que padre Pio ignorava cabalmente. Quando se afirma que o poder ou a sua expectativa perturbam a cabeça ignorante ou incapaz, a gente se aproxima bastante ao caso de padre Pio.

O RECURSO AOS SUPERIORES MAIORES

Conscientes do buraco em que padre Pio podia cair, foram vários os confrades que se apressaram a encontra-lo e a tentar de fazer-lhe entender que a sua decisão era ilegítima e inutilmente sangrenta, razão pela qual o convidavam a fazer marcha a ré e a reconciliar-se comigo e com a maternidade da congregação. Numa palavra, o padre Pio estava fazendo, sem querer, um grande mal a mim e um mal ainda maior para si mesmo.

Uma só acenada marcha a ré podia ser a maneira mais lógica e mais prática de achar uma solução simples e irrecusável, mas padre Pio não escutava ninguém. Não escutava padre Francisco Villa, o primeiro a lhe falar com caridade e bondade, não escutava o bondoso e inocente padre Joãozinho Urbani colega dele na China e, na prelazia, responsável da paróquia do Moju (13) e, sobretudo não escutava o superior religioso padre Giuseppe Morandi, aquele amigo e irmão que, onze anos antes, me tinha como que carregado nos seus braços, transferindo-me da diocese de Brescia para o noviciado da congregação xaveriana em Ravenna (14).

Só padre Morandi podia-me pedir o favor de sair da prelazia, mas não mediante uma qualquer forma de expulsão. E, vendo que padre Pio continuava a não escutar ninguém, de acordo com padre Morandi e padre Villa, decidi de recorrer à Direção Geral em Parma (15), lá onde o superior geral dom Gianni Gazza, ou alguém em lugar dele, teria tomado a decisão mais correta possível. Após uns dez dias, respondeu com uma certa rapidez e, por telegrama, o vice

superior geral padre Franco Teodori, pessoa por mim conhecida na casa de Udine e carinhosamente amiga, embora fosse mais velho de mim de quase vinte anos e tivesse experimentado a prisão na China.

Com seu telegrama, porém, não nos dava uma resposta resolutiva mas, por intuito sapiente, pedia tempo e exigia que eu morasse entre os limites da prelazia e precisamente no Cafezal, a sede do superior religioso padre Giuseppe Morandi situada no município de Barcarena. O telegrama dizia pouco, mas deixava entender, com a maior clareza, que padre Pio não podia expulsar-me da missão, mas o telegrama caiu na mão do próprio padre Pio antes que na mão de padre Villa, e padre Pio não hesitou em mudar as palavras do telegrama. Em vez de deixar-lhe dizer "padre Savino tem que morar na prelazia, ou seja, no Cafezal", o telegrama passou a dizer "padre Savino tem que morar em Belém, fora da prelazia". Na hora não podíamos entender o estratagema grosseiro excogitado pelo responsável da prelazia, mas bastou um telefonema para Parma para que tudo ficasse mais claro e ainda uma vez fosse evidente que padre Pio estava procedendo por vias incertas ou erradas.

Mas foram estas vias incertas ou erradas que me deram uma ideia nova: recorrer ao núncio apostólico dom Sebastião Baggio e deixar-lhe entender que se tinha enganado com a nomeação de padre Pio a prelado de Abaeté, pois padre Pio não conhecia os dados mais elementares da moral cristã e do direito canônico. Embora velada, a minha carta podia ser muito irritante por um representante do prestígio pontifício no Brasil, sobretudo pelo fato da minha carta deixar suspeitar que o representante do papa tinha sido burlado por uma direção geral. A sua resposta porém me chegou com incrível atraso, quer dizer uns três meses depois, na hora em que eu não me achava mais no Pará mas tinha sido despachado para o Paraná como envelope usado.

Retomarei este assunto mais para frente, após ter reconhecido e lembrado alguns outros sinais de inimizade ou vingança. Como se o responsável dos males que caíam por cima de mim fosse eu mesmo e não aquele que me tinha tomado a pontapés. Mais tarde contei os fatos, em São Paulo, a um padre italiano do PIME e ele me explicou: "Querido companheiro, você devia saber uma coisa importante: os golpes se dão sempre de cima para baixo". Mas era esta mesmo a lei da Igreja e das famílias religiosas com votos? Com certeza não era a lei do Evangelho e se constatava isso com evidência descarada. Uns dois anos após, em Roma, encontrei um mais conhecido e brilhante missionário do PIME, padre Lazzarotto, que me perguntou: "Com tantos problemas que lá tem, por que você ficou no Brasil somente por dois anos?". A minha resposta foi: "Não encontrei trabalho por lá. Os

superiores faziam tudo eles". O homem esboçou, de cabeça baixa, um sorriso pouco visível mas suficiente para eu pensar que tinha entendido perfeitamente.

INTERVEM O REGIONAL DO SUL

A missão que era confiada aos xaverianos no interior do Pará –a prelazia de Abaeté- não gozava ainda de autonomia jurídica e, para a gente sair dela ou entrar, devia depender do superior regional do Sul, o padre Giulio Barsotti que morava em Diadema, numa laboriosa periferia da grande S. Paulo. Não sei dizer se alguém o solicitou a intervir e a expor para mim os princípios canônicos que deviam ser explorados para dirimir a minha espinhosa questão.

Recebi então dele uma carta de quatro páginas todas intercaladas de sentencias em língua latina. Hoje de cor lembro somente uma delas: "*Audiatur et altera pars*", isto é "se escute também o outro contendente" quer dizer o padre Pio Monchelato antes de tomar uma qualquer decisão a propósito. O princípio era certo, mas não era certa a carta com todo o seu conjunto. A parte o fato que a mim não escapava uma letra ou uma virgula daquele exposto na belíssima língua de Cícero, padre Barsotti revirava totalmente a questão e, em vez de fazer observações a respeito do falho comportamento de padre Pio, me responsabilizava de todo o mal que estava sofrendo. Por que?

Porque não me era permitido que me defendesse por meio de ataques fundados na ignorância e incerteza de padre Pio, mas somente provando que o meu comportamento tinha sido claro e correto. Numa palavra, não devia lançar pedras contra padre Pio, mas continuar a receber dele pedras e pontapés, por exigências das regras da Igreja. Ainda a esta altura não sei dizer se era certa a insinuação de padre Barsotti superior regional, mas sei que ele era homem altaneiro e autoritário, como o tinha conhecido em Roma na casa da procuração xaveriana junto à Santa Sé, e o próprio dom Gianni Gazza pretendia libertar a prelazia de Abaeté de uma sua qualquer pretensão de patrocina-la.

Quanto pois a defender o meu comportamento eu tinha já providenciado. Tinha mandado uma carta a todos os 14 bispos que me tinham conhecido e escutado em Santarém e todos eles, exceto um, me tinham respondido com carinho e com clareza, afirmando que o meu comportamento tinha sido muito positivo e proveitoso para todo mundo (16). Só dom Cornélio, um religioso vicentino holandês prelado de Cametá, destonava um pouco do conjunto daquelas cartas. De fato dom Cornélio não falava contra a minha conduta, mas me informava que era muito difícil concertar satisfatoriamente um vaso quebrado (17).

Tais respostas dos bispos as tinha mandado em cópia à Direção Geral em Parma e para alguma outra autoridade que podia ficar da minha parte. Com certeza o núncio apostólico as conhecia mas fingiu de saber nada quando me escreveu em junho/julho impondo-me de pedir desculpas por todo aquele mal que estava sofrendo sem ter tido a intenção de provocá-lo.

COM OS XAVERIANOS DO PARANÁ

Se chegava então perto da Páscoa e padre Pio me deixava voltar para Bujaru a cada quinze dias, mas à condição que estivesse pronto a obedecer a uma ordem drástica que teria chegado no mês de maio. A páscoa para mim era um acontecimento de irradiações misteriosas, fascinantes e indizíveis.

No Brasil tinha passado a primeira páscoa na comunidade de Santana de Bujaru, um lugar bendito que remontava ao século XVIII e que me tinha oferecido emoções inesquecíveis. Lá tinha entoado o "Regina coeli" pensando dentro de mim: a Rainha do Céu precisa ser alegrada pela ressurreição do Filho, mas quem tenta dar alegria a este povo sofrido e abandonado? Em sentido contrário a este pensamento passei a Páscoa do ano 1967, apesar de ter tido ao lado, em lugar de padre Basílio ausente por férias na Itália, o caríssimo e amicíssimo coetâneo padre Peppino Novati. Ele estava vindo da república do Congo, obrigado pelos superiores a deixar a missão daquela área. Mas o caso dele não tinha nada de parecido com o meu. No Congo havia a guerra dos simbas e quase todos os missionários eram obrigados a deixar a missão por alguns tempos, simplesmente para não acabar com sua existência na terra. Peppino ficou sem palavras ao ouvir o meu caso e observou: "Nem que fossemos entre os simbas".

Após a Páscoa fiz uma última viagem no interior do município de Bujaru, visitando as comunidades mais queridas: o Cravo, o Arapiranga, a Anunciação e o S. Sebastião, onde tinha recebido a maldita ordem para ir a Santarém. Saí de Belém em data 02 de junho 67, acompanhado até à estação rodoviária, às 6 da manhã, pelo padre Francisco Villa que me saudou com palavras de amargura, até o ponto de sentir sua garganta amarrada e chorar mais do que eu. Cheguei em Brasília quatro dias depois, repousando a cada noite em albergues de rara imundície, mas nada disso me ofendia.

Os fatos de Belém pesavam sobre meu coração mais que as montanhas que acompanhavam a Belém-Brasília. Diria, pelo contrário, que aquelas montanhas e aquelas paisagens me estavam liberando pouco a pouco das ondas do mal que me tinham investido e aprisionado em Belém. Visitei Brasília por um dia e cheguei a S. Paulo de trem, num dia só, perfazendo uma viagem tipo Walt Disney. Às 14

horas do sexto dia estava sendo abraçado pelo altaneiro padre Giulio Barsotti. Ele era capaz de carinho, mas eu não tinha nele total confiança e sobre o meu caso não disse ele uma só palavra.

Uma semana depois me enviou para o seminário xaveriano de Jaguapitá no Paraná, acompanhado por outro caríssimo amigo, o padre Luiz Terzoni (18). Percorremos quase mil km. para chegar lá, subindo as montanhas de Ourinhos e descendo para a vale do majestoso rio Paraná, até Jaguapitá. Lá fui acolhido muito bem pelos padres Rosolino Rossi de Cremona (19) e Natalio Fornasier do Friuli (20) e, dentro de um mês, passava a receber os seguintes encargos: diretor espiritual dos seminaristas e das irmãs xaverianas que moravam a trezentos metros, professor de latim e matemática junto aos seminaristas da casa, professor de religião junto as estudantes que, na escola de segundo grau da cidade, recebiam formação para o magistério, ajudante do padre Silvano Zennari, outro especial colega durante os estudos de filosofia e teologia, na pastoral da paróquia católica de Jaguapitá e relativas comunidades do interior e, enfim, recrutador de vocações missionárias em qualquer lugar mas sobretudo nas paróquias que eram dirigidas por padres xaverianos.

Fazia tudo isso sem sentir cansaço nenhum, viajando sempre de jeep quando se tratava de superar distâncias relativamente próximas. Mas lá havia alguém que me dava mais forças do que toda a ordem xaveriana em conjunto: o irmão Angelo Dalla Valle que eu tinha conhecido em Parma como sacristão da Igreja do Sagrado Coração sempre administrada por párocos xaverianos. Irmão Angelo era tal de nome e de fato, era assistente dos seminaristas e falava comigo como fosse a pessoa mais próxima da minha vida. Observando como ele tratava os seminaristas e a família toda do seminário, eu me dizia: eis alguém que deveria ser não padre mas bispo da prelazia de Abaeté. Os humildes sustentam o mundo.

A ORDEM DO NÚNCIO APOSTÓLICO

Estava numa condição paradisíaca quando recebi uma carta de Mons. Tagliaferri, alguém que devia ser secretário do Núncio Apostólico Sebastião Baggio em Brasília. A carta era escrita a mão e me tratava com nobreza e respeito mas me pedia de fazer um passo que me repugnava: pedir perdão, por escrito, por todo o mal que tinha feito contra o Rev.mo Superior Geral dom Gianni Gazza. A carta não dedicava a padre Pio uma só palavra (21) e de Santarém lembrava nem sequer o nome. Menos ainda acenava aos 14 bispos que estavam do meu lado. Se limitava a

dizer que eu tinha caído em falta grave e só podia retomar meu lugar na congregação e na Igreja fazendo por escrito uma mentirosa e desnorteante declaração.

Embora me sentisse substancialmente inocente e mais ainda me sentisse vítima de erros conscientes e de uma certa maldade, exceto umas possíveis e incontroláveis intemperanças verbais de minha parte, aceitei de meter preto no branco mas não bastou. Não lembro em que consistiam as outras exigências formais da nunciatura apostólica. Só lembro que tive que responder por bem três vezes para satisfazer os desideratos da Igreja Oficial. Contudo, na hora de redigir a terceira mentirosa confissão, o humano e bondoso Tagliaferri me escrevia: "padre Savino, faça um último esforço e lhe asseguro que seu calvário irá terminar" (22).

Em setembro/outubro daquela nova e inesperada experiência de fraternidade, chegou da Amazônia para São Paulo o novo superior regional dos xaverianos no Brasil. Quem era? Era um outro queridíssimo irmão estimado e desejado por todo mundo: o padre Giuseppe Morandi já superior religioso na prelazia de Abaeté e meu padrinho na congregação. A sua nomeação era esperada e foi abençoada por todo mundo, pois liberava a região xaveriana do Brasil da ambígua ditadura de padre Giulio Barsotti. Quem tinha tido a coragem de privar do poder aquele brilhante falador da língua toscana sem que soubesse dizer uma frase correta em língua portuguesa? Não tinha sido o padre geral dom Gianni Gazza, penso eu, mas a regra da congregação que permitia reinados não superiores aos oito anos. Padre Barsotti era um monumento intocável também para dom Gianni Gazza e ele deve ter abençoado, por isso, o cumprimento dos oito anos regulares. As regras, às vezes, podem ser mais certas do que as pessoas.

O RETORNO A ROMA

Tudo finalmente estava andando bem para mim quando em outubro/novembro chegou de Parma uma nova ordem: padre Savino devia voltar para a Itália para retomar as rédeas do CEM (23), lá onde devia retomar palestras aos professores de grau elementar e médio, direção ou redação de subsídios didáticos, propaganda de jornais e livros missionários e, quem sabe, propostas e ideias novas para os educadores italianos junto ao privilégio de morar em Roma.

A chamada não era de meu gosto total mas a aceitei por dois plausíveis motivos: primeiro porque o colega e irmão padre Dante Bertoli queria-me devolver o cargo que lhe tinha entregue dois anos antes e eu sabia que a sua expectativa era honesta e solta de qualquer ambiguidade (24). Segundo porque, aceitando de novo aquele cargo, eu estava em condição de ajudar o superior geral dom Gianni Gazza

a tirar a castanha do fogo e a torna-lo mais benevolente na eventualidade que fosse disposto a cancelar tudo o que tinha acontecido de ruim comigo e com a prelazia de Abaeté. Mas era isso mesmo que se estava verificando?

Sinceramente não saberia dizer porque dom Gianni Gazza nunca me procurava para saber algo mais e quando lhe pedi, por escrito, de me autorizar a passar um mês estivo do 68 na Ilha de Malta, ao fim de aprender um pouco de inglês, me respondeu um "não" indiscutível. Será que tinha raiva de mim? Não acredito, pois ele não era pessoa de ressentimento ou de vingança alguma. O seu limite consistia, talvez, em não saber partilhar o poder ou sua visão das coisas, mas quanto à fineza de trato e emanação de confiança, eu não conhecia na vida outra pessoa melhor. Nisso era um digníssimo sucessor de São Guido Maria Conforti sofrido fundador da ordem xaveriana.

Numa palavra, a reconciliação entre nós não era ainda evidente mas, para eu trabalhar tranquilamente e com proveito, não precisava diretamente do superior geral. Em Roma eu tinha um formidável estimador e protetor com o qual tinha passado seis anos inteiros (1960/65) e me tinha encorajado a fazer do Centro Educação Missionária o Centro Educação Mundialidade e a colocar a nossa produção escolar em nível nacional (25).

Quem era? Era o padre Vittorino Callisto Vanzin, a mais brilhante inteligência que a congregação possuía e que, em Roma, exercia o cargo de procurador dos xaverianos junto a Santa Sé, além de funcionar aí como conselheiro de Propaganda Fide (26). Ele me obrigou a cursar o segundo ano de missiologia na Universidade Urbaniana, após ter-me obtido a dispensa do primeiro ano em virtude das produções missionárias que já tinha editado (27).

O RETORNO A BELÉM

Chegou o ano 69 e, pouco depois de ter ganho a licenciatura em missiologia, tive a sorte de encontrar o novo bispo prelado de Abaeté, dom Angelo Frosi colega por idade e estudos de dom Gianni Gazza. Ele tinha as mesmas distintas e raras qualidades do superior geral, embora com aparências mais camponesas e mais comuns. Diria também que ele superava a positividade de dom Gianni Gazza, pois não tinha ciúme do seu poder e, com simplicidade, partilhava seus projetos, ânsias e problemas. Se hoje está avançando a sua causa de beatificação, deve ser devido a sua excepcional capacidade de acolher e quase de se assimilar a quem precisava dele.

No arquivo de Parma, ou de Roma, deve existir um artigo que escrevi após a sua morte (1995) exaltando as qualidades que estou lembrando agora. Em 1991 eu

estava doente no hospital da Beneficente Portuguesa, em Belém, e em perigo de vida a causa de uma trombose circulatória na perna direita. Pouquíssimos xaverianos me faziam visita naquela situação, sendo dom Angelo Frosi o primeiro de todos eles. E bem, num imprevisto encontro do verão do 69, na Procura xaveriana de Roma, dom Angelo logo me tinha dado a entender que eu teria voltado para a Amazônia e para a prelazia de Abaeté mas me pedia um grande favor: ganhar também o doutorado em teologia da missão, pois pensava de empregar-me num trabalho também regional: a formação do clero nativo do Pará e do Amapá.

Pouco depois o projeto dele vinha sendo-me confirmado pelo superior geral dom Gianni Gazza. Ele me procurava em Roma, pela primeira vez após as desgraças que tinham caído por cima de mim em Belém, e me pedia o grande favor de deixar o trabalho no CEM (centro educação mundialidade) e na Editora AVE da juventude católica italiana (GIAC) para assumir em Parma a direção de FEDE E CIVILTÁ, a revista da congregação inaugurada em 1903 pelo fundador da ordem, o futuro bispo e santo Guido Maria Conforti.

A revista não me parecia de difícil condução, por ser um tanto popular e um tanto intelectual ao mesmo tempo, e com a qual já tinha colaborado com vários artigos sob a responsabilidade do mais intelectual de todos os xaverianos: o padre Vittorino Callisto Vanzin. Respondi ao superior geral e ex bispo de Abaeté que não tinha alguma dificuldade em assumir aquela tarefa, mas queria saber se era por um breve ou longo período e se, em seguida, teria podido voltar para a Amazônia xaveriana: a prelazia de Abaeté. Com minha grande surpresa me respondeu imediatamente: "dá-me dois anos e será minha ambição te abrir de novo o caminho para a Amazônia". Com certeza não era um caso se as palavras de dom Gianni andavam totalmente de acordo com aquelas do seráfico dom Angelo, pois deviam ter tratado o assunto com a devida calma e deviam ter concluído que era meu direito voltar para lá, por uma simples questão de justiça.

O ano setenta chegou pouco depois e eu, devolvendo a padre Dante Bertoli o cargo de diretor do CEM (centro educação mundialidade) e prometendo de ficar seu colaborador, comecei a planejar os dois anos que passaram rápidos como se fossem dois meses. Enchia as paginas da revista com vários autores mas sem descartar os trabalhos escritos que entregava aos professores da Urbaniana para merecer o doutorado e completei a tarefa de dirigir a revista publicando nela a tese final (28). Fiquei liberado em janeiro de 1972 e gastando mais de três meses para acumular a documentação exigida pela ditadura militar ao fim de obter a permanência no país, cheguei a Belém em 29 de abril daquele ano.

Comecei logo a trabalhar em varias áreas: na pastoral da arquidiocese de Belém, na prelazia de Abaeté e no nascente Instituto de Pastoral Regional (IPAR). No 1973 frequentei, por onze meses e durante o dia inteiro, um curso de especialização nos problemas da Amazônia na Universidade Federal do Pará e em 1974 já andava acumulando as seguintes tarefas: professor e coordenador do curso de teologia na Universidade Federal do Pará, professor no Instituto de Pastoral Regional e responsável da desobriga (29), mas com competências de pároco, nas seguintes comunidades: três em Benfica, duas na Ilha de Outeiro, duas na Ilha das Onças, três no estuário do rio Guamá e uma meia dúzia no estuário e afluentes do rio Acará e Moju (30).

02. CONFIRMAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS FATOS NARRADOS

Padre Francisco Villa, reitor da igreja das Mercês em Belém e corresponsável da condução da prelazia junto aos padres Giuseppe Morandi e Vincenzo Mitidieri, durante a ausência do bispo prelado dom João Gazza e até a chegada do novo prelado padre Pio Monchelato (de julho a novembro de 1966) me enviou, antes de morrer em 21.10.1998, as cartas que vou agora transcrever ao pé da letra e que enxergam de outros pontos de vista os fatos por mim contados até agora. Sem que se esqueça que, junto ao padre Savino, o padre Francisco Villa vinha sendo considerado, às vezes, como o maior culpado pelos desagradáveis choques de dissenso e nervosismo que iam acontecendo entre o irmanado (?) pessoal da prelazia/missão de Abaeté.

A Belém, 15.04.67.

=====

Carissimo P. Generale, S. E. Mons. Gianni Gazza,

*avrei preferito poterle
inviare una delle mie solite innocue lettere-cronaca a lei tanto gradite. La
cronaca attuale purtroppo non è molto lieta. Mi riferisco alla vertenza Pio-
Savino, annessi e connessi.*

*Viviamo giorni pesanti di timorosa attesa, di ansie e tristezza. Tutti sul
chi va lá; tutti preoccupati di misurare parole e gesti, ben sapendo che poco*

dopo ci sarebbe qualcuno che riferisce a padre Pio, il quale (mi scusi, padre, ma è venuto il tempo di parlarsi chiaro chiaro) è molto più preoccupato nel raccontare chiacchiere, seminar discordie e vendette, che di adempiere almeno in sostanza a quei doveri che la sua carica comporta. Povera prelazia. Poveri saveriani. Pare di vivere nella Russia di Stalin. Sono bastati pochi mesi di governo a questo uomo che ci è stato dato come "eccezionale ed urgente" (e ti arriva pacifico, pacifico dopo settanta giorni, lamentando le sue corte vacanze...), per ridurre la prelazia nelle stesse condizioni di disordine e confusione in cui teneva la casa della Mercês.

Padre Generale caro, si è accusato Savino di essere "causa di grave discordia fra i confratelli della nostra giovane prelazia", e sotto questa accusa gli si ingiunge di lasciare la prelazia e il Pará e gli si commina addirittura la sospensione ... Io potrei dare svariatissime ed interessanti testimonianze (e le daró se è necessario), a dimostrazione che le discordie sono causate dal nostro prelato (vorrei dire a bella posta per vendicarsi dei "suoi nemici") e dai suoi due leccapiedi di Abaeté, che si chiamano Lanciotti e Mitidieri, nelle cui mani il povero padre Pio è oramai cascato come una pera cotta. Che miseria e che schifo. In questi mesi ho dovuto purtroppo ridimensionare le mie valutazioni su alcuni confratelli, come su padre Pio e su padre Mitidieri, ai quali mi legava una sincera amicizia. Ma quando scopri la falsità e il tradimento, quando ti accorgi che ciò che vale per certa gente è solo opportunismo e, oggi, la probabilità di qualche fiocco rosso, per cui si sacrifica giustizia e tutto... allora, padre Generale, si sente venir su un senso di schifo verso quelle persone che nessun fiocco rosso, nessun anello pastorale varrebbe più a fare rivalutare come prima.

Io stimavo Mitidieri; ma oggi prego V. E. di cancellarne il nome dalla mia terna. Oggi ho in mano elementi che ho dovuto mettere assieme e che lo definiscono ben diversamente. Essi si scandalizzano delle conversazioni di Savino ... Che anime delicate. Essi riferiscono, scandalizzati, quanto odono dire dai confratelli, pompando situazioni e parole, perché sanno che padre Pio, nella sua dabbenaggine e poco criterio, farà un casus belli. Ma se altri avessero, per esempio riferito a Mons. Gianni o allo stesso Pio quanto essi stessi sino a ieri andavano dicendo in giro? Se entriamo nelle questioni personali e nelle parole dette fra confratelli ci salterebbe fuori un bello "abacaxi" davvero.

Chi è che ha messo la discordia tra i confratelli?
C'era forse discordia fra noi prima che arrivasse padre Pio come Amministratore? Abbiamo vissuto i tre mesi di "vacatio sedis" in perfetta armonia, ciascuno al suo posto di lavoro. Potrei anche dire di più benché

nessuno di noi (o forse proprio per questo) godesse di vera autorità: gli affari e le attività della Prelazia sono stati assolti non certo peggio di oggi.

E perché allora ricorrere a misur di "urgenza" (col bel risultato ottenuto), dando così uno schiaffo morale a tutti i missionari della Prelazia, dichiarando così la nostra una Prelazia con problemi?... E oggi si accusa Savino di avere gravemente offeso la Prelazia e il Prelato parlando a Santarém di una cosa già pubblicamente nota, che era l'argomento della riunione. Savino ha ricevuto dai presenti solo congratulazioni ed elogi. Si tira fuori, dopo tre mesi, questo argomento da padre Pio che già tutto conosceva ed approvava e di cui mai si era "scandalizzato" ... dopo tre mesi lo ritira fuori (34) per farne il capo di accusa n. 1 contro un missionario che, pur con i suoi difetti, ha dato in un anno di missione, un esempio di spirito apostolico, di competenza e maturità tali, che ci è invidiato da quanti lo hanno conosciuto. Un confratello davanti a cui padre Pio potrebbe benissimo (e farebbe meglio) meditare sulle sue incapacità varie, sulla sua pigrizia, mancanza di criterio, falsità e vendicatività. Chi mette discordia tra i confratelli? Chi ha condotto e ancora volentieri continua la campagna di denigrazione contro padre Basilio? Chi ha ridotto il povero padre Alberto sull'orlo della disperazione e del suicidio? (Su questa cosa avrei molto da dire.) (33). Chi ha inscenato e conduce la campagna contro Savino? Chi tenta di inscenare una campagna contro padre Villa? Chi spesso e volentieri cercò di minimizzare la persona di padre Morandi? Sempre gli stessi, sempre la stessa tattica. E allora, caro Padre, chi è che è la vera causa delle nostre disunioni e tristezze?

Caro Padre Generale, quanto Le sto esponendo non è "per sentito dire", ma è mia esperienza personale, per mia diretta conoscenza.

Posso testimoniare sia su tutti e tre i punti di accusa fatti a Savino, e con testimonianze che nessun altro è in grado di dare, e sia anche per quanto concerne le "discordie e campagne" di cui le ho testé parlato.

Non sono io che voglio del tutto scusare Savino da intemperanze e soggettività nel riferire di persona fatti e giudizi. Ma poiché su questo tema non è il solo in castagna ... credo sarebbe meglio rappattumare le nostre questioncelle in casa senza ricorrere al "de delictis et paenis" per usare del quale si richiedono cause sufficienti e di ben altra natura.

Quando io ho chiesto a Dom Alberto quanti preti gli resterebbero in archidiocesi se volesse espellere tutti quelli che fanno rilievi sulla sua persona ed operato dell'Arcivescovo ... si è messo a ridere e ha detto –"nessuno, forse".

È perlomeno una ingenuità che un qualsiasi superiore pretenda di essere immune da critiche. Anzi, ne dovrebbe far conto per meglio governare e fare il suo dovere, invece di inscenare spéciosamente delle tragedie sotto falsi pretesti, con l'intento di guadagnarsi la stima con atti di forza e abuso di potere. Stima e confidenza solo sono frutto delle nostre virtù personali e non appannaggio del potere o del danaro che si ha.

Da varie parti se la prendono con padre Savino perché si è rivolto al Nunzio. A chi si doveva rivolgere, a Pinco Pallino? Non si erano già tentate altre vie che padre Pio ha regolarmente rigettato? Ma a che punto giunge nelle congregazioni religiose il senso della giustizia, che viene molto prima dei voti e di tutto il resto, fino a voler negare al semplice "frate" di usare il suo diritto, nello stesso tempo che con tutti mezzi si cerca di difendere le ingiustizie di chi sta in alto? Noi che ci ergiamo a banditori di Giustizia e di Pace ... Non siamo forse noi i primi a definire ciò, se commesso in altre istituzioni, col termine di "Legge della giungla"?

Piú di una persona qui a Belém è costretta a commentare questi fatti dicendo "che queste cose solo possono verificarsi fra Religiosi." I Vescovi diocesani sono molto piú cauti, perché sanno che i loro Sacerdoti hanno possibilità e volontà di autodifesa. Chi conosce padre Savino, e anche molto bene il costume di come a volte si amministra la giustizia fra i Religiosi, già si dice felice di avere detto Padre come collaboratore, nel caso che fosse costretto ad uscire dalla Congregazione.

Io amo la mia Congregazione ed ho fiducia nella volontà di giustizia e di pace in Chi la governa. Sarebbe triste arrivare al punto di doversi vergognare di essere Saveriani.

Altra cosa che oramai è un controsenso e quasi una presa in giro, è la mancanza di un Superiore Religioso criterioso e umano e di una casa dove il Saveriano si possa sentire "in casa sua" fuori dal dominio e, come in questo caso, dalla oppressione del Superiore Ecclesiastico, che così può fare indisturbato tutto quello che vuole (35).

.....
.....
..

Con l'affetto di sempre,

padre Francesco Villa s.x.

B

Belém, 10.05.67

=====

Padre Generale Caríssimo, S. E. Mons. Gianni Gazza,

ho appena ricevuto una lettera dal padre Zannoni in cui mi informa che lei sarà ad Holliston in questi giorni e che allo Shrine ci sarà (ci sarà stato...quando lei riceverà questa mia) una grande concelebrazione, e grandi feste, etc. etc. Quanto mi sarebbe piaciuto essere presente. Un paio di mesi negli USA, in questo inizio d'estate in cui nelle parrocchie cercano sostituti, mi farebbe proprio bene. È passato solo un anno (al 5 c.m.) dalla mia venuta in Belém, ma ora sono giú di pressione. Sono calato 18 kg. (ma di questo ne ha goduto la panciona) e sono stanchissimo.

Non è solo il lavoro qui alla Mercês (casa, procura, chiesa), che fin dalla sua partenza ho dovuto praticamente affrontare da solo, che mi ha buttato giú, ma soprattutto direi la situazione tristissima in cui, per ragione di ufficio, sono costretto a vivere. Mille volte avrei voluto piantare qui tutto e chiedere un trasferimento nell'interno; ma poi ho pensato che cosí non si risolverebbe niente, anzi forse la situazione di confusione e disagio aumenterebbe a scapito dei confratelli. E poi si spera sempre nella sua venuta, Padre Generale, che siamo sicuri sarà una presenza non di giudice vendicatore (povera giustizia fra religiosi) ma di padre che vuole la pace fra i suoi figli e confratelli. La sua lettera ci ha fatto molto bene. Tutti ne hanno ricavato un'ottima impressione, le siamo grati.

A questo proposito però, seppure con grande dispiacere, devo fare una affermazione: "In questa prelazia non ci sarà mai né pace né ordine né sicurezza né un piano di lavoro, finché il potere assoluto sarà in mano a Padre Pio Monchelato o a confratelli del suo tipo".

Affermazione che sono sempre pronto a provare, quando necessario, e non solo io. Si è voluto fare di padre Savino la pecora nera, la causa unica dei nostri disagi... Lei forse avrà già avuto modo, o lo avrà ad ogni modo qui, di considerare questa questione sotto tutti gli aspetti. Le cose stanno molto diversamente. È molto facile fra religiosi polverizzare sudditi che disapprovano le ingiustizie di chi detiene il comando e col comando non solo i diritti. Molto piú facile che condannare le ingiustizie e far filare dritto chi abusa della sua autorità col solo scopo di coprire la propria inettitudine, faziosità, falsità e vendicatività. È un vero schifo noi che pretendiamo insegnare agli altri la "Giustizia" e la "Carità".

Mi scusi, Padre, ma sono mesi che mi pesa sullo stomaco questo magone. Finora non ho ritenuto opportuno disturbarla, ben sapendo quanti grattacapi lei deve giornalmente dipanare, ma ora che sta venendo qui è

bene che lei senta anche altri i quali hanno qualcosa da dire circa questa brutta faccenda.

... E venga giú presto, Padre, il piú presto che le è possibile.

.....
.....
..

Affettuosamente, in Iesu et Mariae, suo Padre Francesco Villa s.x.

☐

Franklin, 03 giugno 1967.

=====

Caro P. Francesco,

ho la tua del 10 maggio e ti ringrazio tanto per le notizie che fanno sempre molto piacere. Nonostante il mio doveroso vagabondaggio, il pensiero della Prelazia è sempre presente.

Mi congratulo per i lavori fatti alla Mercês. Da quanto ho sentito anche da altri, sono riusciti bene e sono di molta utilità.

Pensavo che sarei venuto presto a vederli. Ma finché non ci sono novità definitive a riguardo della Prelazia, non mi metto a fare un viaggio che probabilmente dovrei rifare a breve scadenza. Il giorno verrà...

Mi fanno molto piacere le informazioni riguardo Acará, Barcarena, Tomé Açú ed Abaeté. Vorrei tanto sapere qualcosa sul Cafezal ed i lavori che vi si fanno. So che hanno avuto il Trattore. E della Falegnameria, che ne è?

Tendo in evidenza la tua segnalazione circa il Regionale; al mio rientro in Italia metteremo insieme il tutto e decideremo in Domino.

La faccenda del P. Mombelli sarebbe stata di ordinaria amministrazione e si sarebbe risolta presto se egli stesso non avesse tremendamente aggravato e complicato le cose girando le denunce alla Nunziatura Apostolica e passando sopra con estrema disinvoltura a tutti i suoi superiori costituiti, compreso il Generale (31). Anche S.Ecc.za il nunzio mi ha detto parole non certo lusinghiere in merito.

Non mancherò di fare il punto sulla cosa e di rederlo noto, non appena sarò in possesso di tutti i dati. Io certo non mi aspettavo dal buon Mombelli, questo comportamento. Data la provvisorietà della situazione nella Prelazia io ritengo che sarebbe stato sapiente non aggrovigliare tanto le cose, avere un poco più di tolleranza e di pazienza. Tolleranza, comprensione e pazienza che non erano certo un atto eroico, ma solo buon senso (32). Ed é ancora questo sul quale voglio contare da parte dei confratelli che lavorano nella Prelazia.

La mia visita procede regolarmente. Trovo dappertutto tanta buona volontà e motivo di edificazione. Il lavoro delle nostre Delegazioni e Regioni non mancherà certo di dare i suoi frutti.

Siamo ancora nel periodo della seminazione, ma si intravede un traguardo ravvicinato. Deo gratias.

Le notizie sulla tua salute mi preoccupano. Vedi di non logorarti e prenditi il necessario riposo. Stammi bene. Ricordami al Signore. Credimi sempre memore.

Aff.mo + G. Gazza s. x.

D

S. Paulo, 10 Ottobre 1967.

=====

Carissimo P. Villa,

ricevo i tuoi saluti con un laconico e impressionante "arrivederci a breve". Le cose sono peggiorate?

P. Pio vi ha avvisato che il Superiore religioso tarderà perchè è imminente il Prelato, così mi scrive il P. Generale. Io spero che tutto abbia a sistemarsi per il meglio. Ne ho già qua di preoccupazioni. P. Savino ti avrà fatto sapere che, con mio immenso dispiacere, alla fine di Ottobre riprenderà le redini del CEM. Mi era preziosissimo in seminario, dove si è fatto voler bene da tutti, per le vocazioni e per il centro studi che ho in animo di fondare.

È un lavoratore formidabile, che difficilmente può essere sostituito. Bisogna chinare la fronte. C'è tanta scarsità di personale, specialmente preparato e criteriato per i nostri seminari e studentati che con le nuove nomine da farsi in gennaio dovremo affrontare dei grossi problemi. Anche l'economia non è rosea, dovendo costruire cucina e casa delle Saveriane che lavorano in seminario (e molto bene) ed il Seminario di Laranjeiras, ora in baracche di legno.

Posdomani vado a Londrina per l'inaugurazione della collina di Fatima che i nostri hanno costruito, che sperano sia motivo di attrazione e di aiuto per il nostro Istituto Filosofico. Il Nunzio si è lamentato della nostra disunione: c'è veramente bisogno di parlare, criticare di meno e pensare ognuno al proprio dovere, senza invidie o interferenze. E P. Novati dove e come si trova? Trasmettigli i miei saluti, così anche a P. Bosio quando viene.

Avrei voluto scriverti prima perchè ci tengo alla tua amicizia, ma pensavo: "nessuna nuova, buona nuova!" P. Angius sta ormai veramente bene: Anche fr. Sansoni dopo l'operazione di ernia. Ti mando tanti saluti e mi raccomando alle tue preghiere. Un abbraccio, sempre memore.

P. Morandi Giuseppe.

E

Roma, 09.01.1968.

=====

Caro P. Francesco,

abito a Roma, fuori di casa, pur essendo Direttore del CEM che rimane sempre a Parma. A Parma conto di passare circa dieci giorni al mese. Il resto a Roma o in giro per l'Italia. Non abito più in Viale Vaticano, perchè per me non c'è abbastanza posto: ragione ufficiale. La ragione vera sarebbe un'altra: il Sup. Generale non vede bene che mi trovi vicino a Barsotti...

Difatti P. Luca, l'amico che ascolta volentieri e cerca onestamente di comprendere e di aiutare, ha tentato di farmi capire che sarebbe stato Barsotti la causa di tutti i mali. Egli avrebbe costretto il Generale ad agire in quel determinato modo, e il Generale avrebbe acconsentito, sia per tenersi buono Barsotti e fargli ponti d'oro, sia, aggiungo io, perché temeva qualche ricatto di Barsotti presso la Santa Sede. Questa è l'unica cosa nuova che ho sentito dire a proposito della triste vicenda. Per il resto Gardini mi prega di dimenticare, Teodori sente soltanto, Mainini non mi ha ancora dato udienza. In realtà sono sempre via da Parma. Ed ero via anche quando è giunta la nomina di Padre Frosi (1). L'ho saputo pochi giorni fa. Da parte mia sono lieto, sia perché uomo meritevole sia perché semplice Amministratore, sia perché così facendo rimane dimostrato che padre Pio non era nemmeno capace di fare l'Amministratore. Per la nomina di Frosi penso che ci sia stato qualche suggerimento da costí. Mi sbaglio?

Tempo fa sentivo dire che, se fosse giunta in tempo la sospirata nomina, il Sup. Generale sarebbe passato dal Giappone al Brasile. È vero? Se così fosse, non ho spiegazioni da darti e nemmeno favori da chiederti. Fai come credi meglio. Nonostante tutto io ho ancora fiducia nella verità e nell'onestà.

Una curiosità: P. Bonardi ha detto a tavola, sentito io, che un parroco saveriano del Brasile era stato nominato ad Abaeté, ma lo fece sapere a sua madre e venne bocciato all'ultimo momento per violazione del segreto (2). Mandami qualche notizia, aff.mo Savino.

=====

Padre Generale caríssimo, S.E. Mons. Gianni Gazza,

La devo ancora ringraziare del pensiero delicato avuto per me nel mandarmi da Khulna la Sua foto in mezzo ai nostri cari Bengalesi. Al mio, anche Dona Gorizia aggiunge il proprio ringraziamento per la originale cartolina in seta tridimensionale inviatale dal Giappone.

Come vede, Le scrivo a dieci mesi dalla mia ultima e di nuovo dagli USA. Le saró forse sembrato cattivo con tutto questo silenzio; ma quando non si hanno che dispiaceri da raccontare è meglio spesso tenerseli per sé. Il Padre Generale ha già grattacapi e dispiaceri a sufficienza, soprattutto dopo la visita a tutto il nostro mondo Xaveriano. Ma ora è venuto il tempo di scriverle di nuovo.

Devo purtroppo riconfermare quanto già detto e sottolineato nella mia del 3/6/67; oggi ancor piú valida per i fatti successi poi. Padre Pio è perfettamente riuscito a tirarsi addosso la disistima e l'antipatia generale, non esclusi quelli che Egli riteneva i suoi intimi, i quali hanno avuto modo di conoscerlo meglio come superiore vivendoci assieme, come era capitato a me e a Savino. Perció mi sorprende ora che padre Pio, che pure merita comprensione e caritá, si scelga la Mercês come sua futura residenza, di tutti il posto certamente meno adatto per lui in simile situazione. Diró di piú: non pochi confratelli hanno chiaramente manifestato con grande timore la probabilitá che padre Pio sia eletto Superiore Religioso della Prelazia.

Dopo la nomina di P. Frosi, la questione "Superiore Religioso" è molto relativa. Il Superiore Religioso ci voleva prima –almeno provvisorio. Ora pare sia un moltiplicare gli enti senza necessitá, se non addirittura una cosa controproducente.

Nella mia risposta alla sua raccomandata, Lei fra l'altro mi diceva: "Sarebbe stato sapiente ... avere un poco piú di tolleranza, comprensione e pazienza ... che non erano certamente un atto eroico, ma solo buon senso."

Caro Padre Generale, mi voglia credere se Le affermo che "tolleranza, comprensione e pazienza" in questo anno e mezzo di regime "Pio" è stato invece un vero atto eroico continuato, non solo per me –il primo di mira n. 1 dopo la partenza di Savino, ma per vari altri confratelli giunti sull'orlo della esasperazione, sempre nell'attesa di Colui che non veniva mai.

CONCLUSÃO. Quem devia praticar tolerância e bom senso, o inocente inferior que vinha sendo esmagado ou o afoito superior que o estava esmagando sem alguma razão suficiente?

Padre Pio não era violento por natureza. Ao contrario, ele sabia ser meigo e companheiro e ninguém teria esperado dele atitudes e comandos insensatos. Porque isso aconteceu? Se pode arriscar a seguinte hipótese: religioso submisso a dom Gianni Gazza até o ponto de aparecer um afetado bajulador, padre Pio se achava improvisamente com um pedaço de poder eclesiástico na mão (ser prelado de Abaeté) e na possibilidade de se tornar bispo entre um tempo relativamente breve: seis meses, um ano, dois anos ... Se tornar bispo é o máximo de sucesso por um padre diocesano ou religioso mas, no caso de padre Pio e de muitos outros do seu calibre, se tornar bispo é como ser água e se tornar vinho, ser ferro e se tornar ouro. Pois o poder eclesiástico, por natureza, procede em sentido oposto ao poder que se exerce nas congregações religiosas.

Enquanto o poder eclesiástico é piramidal, prestigioso, inquestionável e duradouro (até 75 anos, atualmente) o poder religioso é prestigioso sim mas democrático, plano ou chato, questionável e temporário. Para falar mais claro, o poder eclesiástico faz lembrar o autoritarismo típico do império romano, enquanto o poder religioso tenta esboçar uma visão evangélica da autoridade obrigando o superior a assumir atitudes fraternas e de serviço. Em certas pessoas os dois poderes chegam a se conciliar e a dar resultados surpreendentes, como no caso de dom Angelo Frosi que fazia prevalecer o serviço fraterno sobre o prestígio eclesiástico de que gozava. Mas não era precisamente assim com dom Gianni Gazza. Nele os dois poderes não procediam de mãos dadas e o seu trato fine e senhoril podiam ser vistos também como tentativa de proteger sua distinção eclesiástica. Dom Gianni era gentilíssimo e paterno, mas não vendia ou participava seus privilégios, a nenhum preço.

No extremo oposto aos dois se colocava padre Pio. Ele era de personalidade mais frágil e de cultura religiosa –teológica e canônica– bastante escassa, mas deixava entender de ser pessoa simples e não desejar graus. Sem querer, porém, a sorte lhe estava sorrindo na cara com

extrema surpresa e lhe estava entregando de mão beijada a faca e o queijo. Infelizmente não era esperto de brigas de poder e de como se pode conserva-lo a preço somente alto ou muito alto. Numa palavra, o cheiro do poder lhe tinha afetado a cabeça e ele tinha perdido a orientação, junto a capacidade de escutar e refletir. Mas porque chegou ao ponto de eliminar o não ciente padre Savino seja física que moralmente? Resposta, a eliminação física do não ciente adversário não bastava e, para que padre Pio pudesse segurar a inesperada promoção, o padre Savino devia aparecer como indigno fraudador.

Ultima pergunta: mas dom Gianni Gazza não conhecia o homem? Resposta: o conhecia sim e bastante, mas, ao mesmo tempo, com padre Pio no trono, esperava voltar tranquilamente à sua Prelazia após dez anos de maior comando na congregação. Nem dom Gianni Gazza era suficientemente experto em matéria de direito canônico.

Belém do Pará, 25 de agosto de 2011,

Savino Mombelli.

NOTAS

- (1) Na realidade, ainda hoje se poderia conversar com uma outra meia dúzia de pessoas que assistiram aos fatos mas não tiveram influência sobre eles.
- (2) "*Charitas Christi urget nos*" (2Cor 5,14). É o lema da Congregação xaveriana e pode ser traduzido da seguinte forma: "O amor de Cristo nos impulsiona".
- (3) Se refere à pessoa que mais tinha condição de resolver o problema e sem estardalhaço nenhum: o superior geral dom Gianni Gazza. Mas na sua carta ao padre Francisco Villa (cfr.....) o superior geral afirma de não ter sido interpelado por primeiro pelo padre Savino. Isso é só uma verdade aparente, pois ele mandou a primeira contestação dos fatos à direção geral, bem sabendo que a direção geral é antes de tudo o superior geral, embora pudesse estar ausente naquele determinado momento. Naquele caso, de fato, a responder foi o vice superior geral padre Franco Teodori, pois dom Gianni Gazza girava pelo mundo a fora, visitando os xaverianos da Ásia e da África e se achou prudente não atordoá-lo.
- (4) Naquela época dom Gianni Gazza era considerado o representante das prelazias ou missões do Brasil junto à congregação de Propaganda Fide. Em base a isso, o superior geral da época –padre Giovanni Castelli- tinha informado padre Savino da seguinte maneira: "Dom Gianni Gazza quer você na Amazônia para ser seu secretário, especialmente na relação com as outras prelazias do Brasil a fora". Provavelmente não existe documento escrito que confirme isso porque a gente confiava mais na palavra dada e, quando padre Francisco Villa informou o arcebispo de Belém que secretário de dom Gianni Gazza era o padre Savino, disse algo que todo mundo devia saber. Por sua vez, padre Francisco Villa não tomava decisões ao acaso, pois ele era um dos três xaverianos que, em ausência do bispo, deviam dirigir colegialmente a prelazia.
- (5) Por desencontros com a direção do seminário diocesano de Brescia, padre Basilio Bosio tinha deixado o estudos após o terceiro ano de teologia e, após o serviço militar, se aviava a abraçar a carreira de professor primário quando, na casa xaveriana de Brescia (antigo seminário do Santíssimo Corpo de Cristo, onde lado a lado com padre Savino tinha frequentado o quinto e último ano de ginásio) se encontrou de novo com ele

e, tomado pela saudade dos momentos mais belos da vida, lhe pediu de mediar o seu ingresso na ordem xaveriana. Como missionário xaveriano, trabalhou no norte e o sul do Brasil pelo menos durante trinta anos, até desencontrar-se também com os altos responsáveis da congregação. Deixou também a família xaveriana e, ficando para sempre padre, em 2004 vinha a falecer num hospício de idosos situado nas proximidades de Fortaleza.

- (6) Desobriga = ato de colocar os fiéis em condição de cumprir deveres eclesiásticos irrecusáveis como batizar crianças, celebrar casamentos religiosos, confessar-se anualmente e comunicar-se em ocasião da Páscoa. Tal desobriga se praticava uma vez por mês nas comunidades maiores do interior, algumas vezes ou só uma vez por ano nas outras.
- (7) Naquele período padre Savino estudava teologia e padre Francisco Villa, ordenado em 1951, ajudava o administrador da comunidade e, na hora de partir para o Bangladesh, tinha obrigado o seminarista Savino a assumir o acompanhamento da sua idosa madrinha, uma certa senhorita Gotti di Costamezzana (PR).
- (8) O cônego Ápio Campos de Belém tinha a mesma idade do padre Savino (38 anos) e era professor na Universidade Federal do Pará, além de ter publicado livros de poesias. Filho de mãe indígena, se expressava com uma rara e nobre sensibilidade. Quando padre Savino se negou a acompanhá-lo de retorno a Belém, por água, como se tivesse pressa de cair no buraco, o cônego ficou penalizado.
- (9) Se tem a impressão que os dois últimos padres citados, e ainda vivos, não participaram da guerra contra padre Savino. Enquanto bem diversa e talvez decisiva foi a intromissão dos primeiros dois: Mario Lanciotti e Vincenzo Mitidieri. Por sua vez, o Lanciotti tinha sido secretário de dom Gianni Gazza antes de padre Savino e criou a idéia de que o padre Savino tinha usurpado a competência dele.
- (10) Cfr. Mat 11,3.
- (11) Pelo direito xaveriano, o entrar e sair duma missão não pode depender dos superiores eclesiásticos, ou seja dos superiores nomeados pela Santa Sé, mas exclusivamente dos superiores da congregação, embora tal poder possa ser exercido de acordo com a autoridade eclesiástica.
- (12) O nascimento de padre Savino -03.04.1928- se registra sob o sinal de Aries.
- (13) Mojou, um muito extenso município paraense, existe como paróquia do Espírito Santo desde os tempos das reduções confiadas aos Jesuitas (1650/1755). Como rio, o Mojou tem o cumprimento de mais de 900 km. e padre Joãozinho o percorria quase por inteiro vivendo no barco por semanas e meses.
- (14) Vinte anos antes (1946), o seminarista Savino tinha conhecido padre Giuseppe Morandi como pregador na paróquia de origem da sua família (Bassano Bresciano) e tinha ficado preso pela ideia missionária que ele representava com palavras, sentimentos e modos.
- (15) Cfr. a nota 3.
- (16) Pe Savino perdeu a redação autêntica destas cartas, mas uma cópia delas se deveria encontrar no arquivo da nunciatura apostólica em Brasília.
- (17) O idoso dom Cornélio fumava frequentemente o cachimbo e aparentava uma certa cara de cético e experimentado dos contratempos da vida.
- (18) O seminarista Savino tinha vivido ao lado de padre Luiz Terzoni, ao longo de dois anos, na Casa Madre de Parma (jul.1950/out.1952) e tinha recorrido à vibrante oratória dele para o sermão de primeira missa em Bassano Bresciano (1955).
- (19) Tinha sido um dos primeiros xaverianos a ser conhecido pelo padre Savino, pois morava em Cremona a 22 km. de Bassano Bresciano.
- (20) Padre Natalio Fornasier era confrade humilde e muito servidor. Padre Savino o tinha conhecido na casa Xaveriana de Brescia (1958/59) e tinha visitado a família dele em Rauscedo di S. Giorgio della Richinvelda (PN).

- (21) Em 1968 o padre Pio Monchelato teve que renunciar ao cargo de prelado de Abaeté, sob pedido da Congregação de Propaganda Fide.
- (22) É quanto o padre Savino lembra de cor, mas a correspondência por ele recebida e enviada sobre o assunto em questão deve-se encontrar no arquivo da nunciatura apostólica em Brasília.
- (23) CEM = Centro educação mundialidade, uma iniciativa criada pelos xaverianos em 1945 junto aos alunos e mestres das escolas elementares e médias da Itália.
- (24) Padre Dante Bertoli tinha acompanhado padre Savino nas atividades do Cem a partir de 1963, funcionando mais ou menos como administrador da atividade (cfr. nota 23). Mas eles trabalhavam de acordo em tudo e os grupos do CEM se perguntavam se eram irmãos.
- (25) Foi quando, em relação às atividades educativas do CEM, a congregação xaveriana fez um acordo com a editora AVE de Roma, produtora, entre outros, de livros escolares. Em base ao acordo feito, padre Savino começou a trabalhar em Roma e a se responsabilizar, com outros autores (Alberto Manzi e Domenico Volpi) pelo orientamento mundialista das edições escolásticas AVE. A mais significativa produção do padre Savino naquele período foi uma antologia em três volumes para as três classes italianas de nível médio: IL MONDO È TUTTO MIO. A antologia levava leituras e poesias do mundo inteiro e, dentro de cinco anos, estava sendo imitada pelas numerosas editoras escolares de todo o país.
- (26) Nascido em 1900, padre Vittorino Callisto Vanzim tinha entrado na congregação xaveriana com 15 anos. Tinha passado alguns tempos na China, no México, nos Estados Unidos e no Canadá. Na China tinha conhecido e conversado com o cientista jesuíta Pierre Teilhard de Chardin e conhecia, com rara competência, o pensamento dele. Como autor, se distinguia sobretudo como especialista em problemáticas missionárias.
- (27) Tais várias produções diziam respeito sobretudo à orientação missionária da juventude a partir da escola, como a antologia citada à nota 25.
- (28) *Umbanda. Origini, sviluppi e significati di una religione popolare brasiliana*. Ed. Emi, Bologna, 1972.
- (29) Cfr. nota 6.
- (30) Do rio Mojou visitava somente uma comunidade no igarapé Cabresto, exigindo umas quatro horas de barco. Mas havia comunidades que, ficando a vinte km. de Belém, em linha reta, exigiam um caminho de 16 horas de barco. Era o caso das comunidades da Fortaleza e Igarapé Açu no rio Jenipaua, afluente de direita do rio Acará.
- (31) Todos os superiores de Parma -P. Teodori, vigário geral, e os padres Luca, Mainini e Gardini, conselheiros- sabiam perfeitamente tudo e não sei dizer se cumpriram seu dever em informar o Superior Geral que estava viajando. Mais: ninguém deles abriu boca quando o padre Savino teve que abandonar a missão por expulsão.
- (32) Era certo fazer cair sobre a vítima a consequência de erros graves cometidos por superiores insensatos? O missionário que pela vida inteira espera o dia de trabalhar na missão devia ter o bom senso de deixar-se pisar e expulsar dela sem justificativa alguma? De que bom senso se trata?
- (33) Padre Alberto Pierobon, colega de padre Savino do noviciado até a ordenação sacerdotal (1955), era de temperamento um pouco esquizofrênico mas ninguém superava ele no volume de trabalho manual e nos gestos de caridade material e espiritual em relação ao povo do interior. Destinado ao sul do Brasil, em 1976 foi assassinado numa periferia de Curitiba por desconhecidos mal viventes.
- (34) O frizo è do próprio padre Francisco Villa.
- (35) A primeira carta continua com outras 17 linhas de desculpas cumprimentos e parabéns ao superior geral e bispo dom Gianni Gazza, mas sem que sejam relacionáveis aos assuntos acima tratados.

